Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

SELVAGENS DESCONHECIDOS: “TRADUÇÃO” E TRANSCRIÇÃO NO DISCURSO DE ALTERIDADE DE REGINO DE PRÜM

Danilo Depireux de Abreu

Brasília – DF

2021

DANILO DEPIREUX DE ABREU

SELVAGENS DESCONHECIDOS: TRADUÇÃO E TRANSCRIÇÃO NO DISCURSO DE ALTERIDADE DE REGINO DE PRÜM

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História, sob orientação do Professor Dr. Leandro Duarte Rust.

Brasília – DF

2021

RESUMO

Resumo: Na história do ocidente medieval, os tumultuosos séculos IX e X são marcados pela turbulência política. Não apenas se viu a divisão do império carolíngio em cinco reinos distintos, mas o continente europeu se via alvo de uma série de invasões, dentre elas, a dos húngaros. Na passagem referente ao ano de 889 do *Chronicon*, o autor, Regino, abade de Prüm, faz uma extensa caracterização deles, um povo considerado inédito por não ser nomeado nas fontes. Para tanto, ele se ampara nas obras *Epítome da História Filípica de Pompeu Trogo* e *Historia Langobardorum*, respectivamente dos historiadores Justino e Paulo Diácono. O caráter único da entrada de 889 está no fato de que não há precedente no *Chronicon* onde Regino de Prüm se proponha a fazer o mesmo trabalho de representação étnica. Dessa forma, esta pesquisa pretende identificar como Regino de Prüm faz uso de suas fontes, quais ferramentas retóricas são utilizadas por ele e com qual finalidade.

Palavras-chave: Etnicidade, Húngaros, Regino de Prüm, Discurso de Alteridade, Representação.

ABSTRACT

Abstract: In the history of the medieval West, the tumultuous 9th and 10th centuries are marked by political turbulence. Not only did we see the division of the Carolingian empire into five distinct kingdoms, but the European continent was the target of a series of invasions, among them the invasion of the Hungarians. In the passage that refers to the year 889 of the Chronicon, the author, Regino, abbot of Prüm, makes an extensive characterization of them, a people considered unprecedented because they are not named in the sources. For this, he relies on the works *Epitome of the Philippian History of Pompey Trogo* and *Historia Langobardorum*, respectively by the historians Justin and Paul Deacon. The uniqueness of the 889 entry lies in the fact that there is no precedent in the *Chronicon* where Regino of Prüm operate the same method of ethnic representation. Thus in this research I seek to identify how Regino of Prüm makes use of his sources, what rhetorical tools are used by him, and to what end.

Keywords: Ethnicity, Hungarians, Regino of Prüm, Discourse of Alterity, Representation.

SUMÁRIO

Introdução……..……5
Capítulo 1 – Os Citas de Regino de Prüm……10
Capítulo 2 – Fronteira Política e Identitária……16
Capítulo 3 – Sinais de Etnicidade e Bestialização……23
Considerações Finais……..……..29
Referências….……..……31
Declaração de Autenticidade……..34

Introdução

Em *O espelho de Heródoto,* François Hartog (2014, p.40) justifica o título do livro com a retórica de que, ao aproveitar um saber compartilhado, o narrador então levanta um espelho para si e para os seus destinatários, escancarando sua própria alteridade. Na introdução da segunda parte do livro, Hartog faz o seguinte comentário:

> *Se a narrativa se desenvolve justamente entre um narrador e um destinatário implicitamente presente no próprio texto, a questão é então perceber como ela "traduz" o outro e como faz com que o destinatário creia no outro que ela constrói. Em outros termos, tratar-se-á de descobrir uma retórica da alteridade em ação no texto, de capturar algumas de suas figuras e de desmontar alguns de seus procedimentos – em resumo, de reunir as regras através das quais se opera a fabricação do outro.* (Hartog, 2014, p.242)

Toda narrativa que se constrói entre um narrador e um destinatário conhecido, busca se utilizar de signos reconhecíveis para tornar a mensagem assimilável. Dessa forma, o narrador busca traduzir aquilo que vê ou conhece para o destinatário. Analisar esses textos, é encontrar e entender as ferramentas utilizadas pelo narrador para ser entendido; em síntese, segundo o próprio Hartog, é buscar pelo olhar do historiador (Hartog, 2014, p.42). Neste trabalho, me proponho a buscar o olhar do historiador franco Regino de Prüm em sua narrativa sobre os húngaros, também conhecidos como magiares.

Pouco se sabe da vida de Regino, Abade de Prüm (m. 915), além daquilo que podemos inferir por seus cargos e trabalhos. O que temos certeza é que sua vida e obra são reflexos de um período politicamente conturbado para a império franco. O século IX foi palco para o fim da dinastia carolíngia e subsequente dissolução de seu império, eventos que trouxeram consequências reais para Regino. Possivelmente integrante de uma família aristocrática proveniente de Altrip (MacLean, 2009, p.3), ele assumiria o importante cargo de Abade na cidade de Prüm em 892, mas conflitos acerca do controle do Reino da Lotaríngia (território ao centro do império carolíngio) fariam com que perdesse o posto, assumindo a seguir um cargo de menor importância em um monastério em Tréveris. Mas, apesar da tumultuada vida eclesiástica proporcionada pelas transformações políticas de meados do século IX, Regino também usufruiu de toda a efervescência intelectual proporcionada pelo mundo carolíngio, produzindo ao todo três obras: *De Harmonica institutione* (música sacra)*, De ecclesiasticis disciplinis* (Lei canônica) e o *Chronicon* (MacLean, 2009, p.6).

Datada do século X, o *Chronicon* é uma crônica universal dividida em dois livros: o primeiro aborda os anos entre o nascimento de Cristo e a morte do líder carolíngio Carlos Martel; já o segundo, como descrito pelo próprio autor, se preocupa com os feitos dos reis francos do ano de 741 até 906. Nesta obra, Regino de Prüm se apropria de diversos autores para a construção de sua narrativa. Seu texto é um trabalho de recorte e edição de obras da Antiguidade, da Alta Idade Média, da Bíblia, além da própria tradição oral das abadias e monatérios em que viveu. Dentre as fontes utilizadas por ele estão *De Temporum Ratione* de Bede, a *Liber Historiae Francorum, Gesta Dagoberti, Annales Regni Francorum*, e outras mais.

Os húngaros fazem sua primeira aparição na obra na passagem de 889, onde Regino de Prüm procura não apenas descrever um povo aparentemente inédito, mas também apresentar uma origem étnica, além de tentar fazer sentido sobre o seu aparecimento nas fronteiras francas. O curioso dessa passagem é que, dentro de todo o texto do *Chronicon*, ela é a única com esse perfil. Saques de bretões, vikings e sarracenos aparecem diversas vezes na crônica, mas em momento algum da obra existe tamanho cuidado narrativo para a construção de uma genealogia como no caso dos húngaros.

É importante salientar que Regino de Prüm se via como um historiador do povo franco, deixando claro logo no prefácio de sua obra:

> *Porque me parece indigno que, uma vez que os historiadores dos hebreus, gregos, romanos e outros povos transmitiram ao nosso conhecimento através dos seus escritos os feitos no seu tempo, haja um silêncio tão ininterrupto sobre o nosso próprio tempo, mesmo que sejam muito mais recentes, como se nos nossos dias a atividade humana tivesse cessado, ou se as pessoas não tivessem feito nada digno de memória ou, se os feitos dignos de serem recordados tivessem sido realizados, não se pudesse encontrar ninguém adequado para se comprometer a escrever porque os escribas caíram em inatividade por negligência*.[1]

Ele se vê como igual em relação aos historiadores dos povos hebreu, grego e romano. Mesmo assim, os francos não recebem a mesma atenção. A primeira aparição deles se dá apenas com a conversão e batismo de Clóvis, seu primeiro monarca, na passagem referente aos anos de 491 à 518 (MacLean, 2009, p. 86).

E para a cuidadosa construção da passagem de 889, Regino se utiliza exclusivamente de duas fontes: a *Epítome da História Filípica de Pompeu Trogo;* e a *Historia*

1 No original: *For it seemes to me unworthy that, since the historians of the Hebrews, Greeks, Romans and other peoples have transmitted to our knowledge through their writings the deeds done in their times, there should be such unbroken silence concerning our own times, even though they are much more recent, as if in our days human activity had ceased, or perphaps people had done nothing worthy of memory or, if deeds worth remembering have been carried out, nobody suitable could be found to commit them to writing because the scribes have slipped into inactivity through negligence* (MacLean, 2009, p. 61)

Langobardorum. Ambas parecem ter papéis bem definidos na construção de sua narrativa. Destas obras são retirados os trechos que compõem as diretrizes gerais da caracterização dos húngaros. Aqui, uma breve apresentação delas se faz necessário.

A *Epítome* de Justino é, na verdade, uma simplificação do texto do historiador galo-romano Pompeu Trogo, mas os seus 44 livros acabaram por sobrepujar a obra original (Yardley, 1994). Ela pouco aparece no *Chronicon*. Fora os momentos em que Regino de Prüm parece ter internalizado algum imaginário da *Epítome* (Maclean, 2009, p. 30), o único trecho que é utilizado de forma direta por ele está na passagem de 889. Regino procura incorporar os húngaros a um imaginário já existente, um que remete a uma Antiguidade distante, mas conhecida pelos carolíngios: a dos citas. Eles são recorrentes em representações de povos nômades durante a Antiguidade romana e na Alta Idade Média. Porém, o que chama a atenção é a maneira como Regino se utiliza não apenas dos trechos sobre os citas, mas também dos partas, quando os colocamos lado a lado com o texto de Justino.

A *Historia Langobardorum* de Paulo Diácono, por sua vez, é datada do século VIII e de forma geral se propõem a narrar a origem, migração, assentamento e ascensão política dos lombardos no norte da Itália, se estendendo até a morte do rei Liuprando em 744. Por apresentar tantas informações sobre os francos, não é de se espantar que Regino a utilize com frequência, principalmente nas passagens que compõem o primeiro livro do *Chronicon,* onde a atividade dos lombardos está mais presente. Não apenas isso, mas Paulo Diácono também era uma figura de renome no ambiente intelectual eclesiástico, uma vez que era creditado como autor da biografia do papa Gregório Magno, além de ter possuído certo prestígio com Carlos Magno (Wickham, 2019, p.519). A forma como Regino se utiliza desta obra nos dá um bom exemplo do seu cuidado com as suas fontes. Sua narrativa ignora, por exemplo, a caracterização dos francos como inimigos por Paulo Diácono, evitando construir uma imagem de conflito em relação aos lombardos, questão relevante, uma vez que a junção da Itália ao império franco havia ocorrido em 774 (MacLean, 2009, p.25). Tal cuidado de Regino se estende na passagem sobre os húngaros, onde um parágrafo sobre a migração de povos germânicos e escandinavos se transforma em parte de uma justificativa para o aparecimento dos magiares nas fronteiras orientais dos francos.

Conhecendo suas fontes, as questões que se levantam são: por que Justino e Paulo Diácono? Como suas fontes conversam entre si? Como Regino de Prüm faz uso delas em sua caracterização do povo húngaro? Procuro analisar a passagem de 889 do *Chronicon* sob a luz de suas fontes, com o objetivo de determinar quais ferramentas foram utilizadas por ele para

criar sua representação. Minha hipótese é de que através de omissões cuidadosas e do uso minucioso de suas referências, Regino busca criar uma alteridade para os invasores húngaros do século X, com base na tradição escrita do mundo carolíngio. A narrativa de Regino, dessa forma, transformaria os valorosos citas das páginas de Justino em um povo insolente por natureza, berço de uma feroz nação que devora os corações de seus cativos. Este trabalho é sobre perceber o processo de "tradução" – no sentido atribuído por Hartog – que o abade de Prüm se propõem a fazer sobre os húngaros.

Penso que a relevância dessa pesquisa está no fato de que, assim como Hartog, que demonstrou o espelho de Heródoto, a análise das estratégias de identificação de Regino de Prüm possa, em menor escala, escancarar a perpetuação de um tipo de representação do outro, do nômade, não apenas num contexto de conflito político ou bélico, mas também étnico. Num mundo onde o preconceito étnico se faz valer da representação do estrangeiro, do "imigrante invasor" e até mesmo do compatriota de ascendência distinta, narrativas como as de Regino podem iluminar os mecanismos em que os racismos diários operam.

Para isso, dividirei o trabalho em três capítulos; cada um deles com objetos de análise bem definidos. No primeiro capítulo, intitulado "Os Citas de Regino de Prüm", buscarei demonstrar como a categoria cita é utilizada pelo autor, mostrando como ela se insere numa tradição que via nesse povo a fonte de todo nomadismo. No segundo, "Fronteiras Políticas e Identitárias", será analisada como a construção de Regino de Prüm passa por uma forte ênfase em determinar as fronteiras geográficas ultrapassadas pelos húngaros, a fim de reforçar sua alteridade. Por último, em "Sinais de Etnicidade e Bestialização", explorarei as estratégias de identificação utilizadas por ele para estabelecer distinções importantes, para enfim demonstrar que Regino de Prüm procura caracterizar um cenário de conflito étnico entre francos e húngaros.

Sobre o acesso às fontes, foram utilizadas a tradução do *Chronicon* para o inglês feita por Simon MacLean (2009), parte da coleção *Manchester Medieval Sources*, assim como a transcrição para o latim de Friedrich Kurze (1890), da *Monumenta Germaniae Historica*. Para a *Epítome* de Justino, fora utilizada a tradução de John Selby Watson (1853), presente em versões em latim e em inglês no *site* do *Corpus scriptorum latinorum*[2]. A tradução para inglês de William Dudley Foulke (1907) e a transcrição para o latim da *Monumenta Germaniae Historica* de Georg Waitz (1878) foram utilizadas para análise da *Historia Langobardorum* de Paulo Diácono.

2 Disponível no endereço: http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/index.html

O trabalho do já citado François Hartog (2014)em seu ensaio sobre a representação do outro será de extrema importância como aporte teórico para analisar o processo de tradução como ferramenta de uma retórica da alteridade. Da mesma maneira, o trabalho de Walter Pohl (1998) em "Telling the Difference: signs of ethnic identity" me guiará nas análises sobre questões identitárias e étnicas presentes na passagem de 889 do *Chronicon*. Reflexões presentes em "Bordes, Barries, and Ethnogenesis: Frontiers in Late Antiquity and the Middle Ages.", organizado por Florin Curta (2005), e no texto "Concepts of realm and frontiers from late antiquity to the early Middle Ages: Some preliminary remarks" de Hans-Werner Goetz (2001), servirão como norteadores do debate sobre o conceito de "fronteira" na Alta Idade Média, e como este se insere na discussão sobre identidade. Por fim, Jack David Eller (2010) contribuirá com suas pontuações sobre etnicidade e conflito em "Cruel Creeds, Virtuous Violence: Religious Violence across Culture and History".

Capítulo 1

Os Citas de Regino de Prüm

Ao "traduzir" os húngaros, a principal estratégia de Regino de Prüm é associá-los com os citas da antiguidade. Aqui, sua principal fonte é a *Epítome* de Justino. Digo principal pois, embora seja o único autor utilizado nas passagens apresentadas a seguir, a forma como Regino faz uso de sua fonte denota um grau de domínio sobre o seu objeto, atribuindo autoridade ao texto, tornando-o mais do que uma simples cópia das páginas da *Epítome.* Os trechos analisados compõem o segundo parágrafo da entrada de 889, transcrições de diferentes trechos do livro II da *Epítome*.

A primeira transcrição de Justino no *Chronicon* tem como propósito uma apresentação geral da geografia do seu lugar de origem, de sua sociedade e alguns feitos do passado. Aqui vale a primeira amostragem de ambos os textos, Justino e Regino, para fins de comparação:

Just. *Epit.* 2.2.1

"Scythia, which stretches towards the east, is bounded on one side by the Pontus Euxinus; on the other, by the Rhipaean Mountains; at the back, by Asia and the river Phasis. It extends to a vast distance, both in length and breadth. The people have no landmarks, for they neither cultivate the soil, nor have they any house, dwelling, or settled place of abode, but are always engaged in feeding herds and flocks, and wandering through uncultivated deserts. They carry their wives and children with them in waggons, which, as they are covered with hides against the rain and cold, they use instead of houses. Justice is observed among them, more from the temper of the people, than from the influence of laws. No crime in their opinion is more heinous than theft; for, among people that keep their flocks and herds without fence or shelter in the woods, what would be safe, if stealing were permitted? Gold and silver they despise, as much as other men covet them. They live on milk and honey. The use of wool and clothes is unknown among them, although they are pinched by perpetual cold; they wear, however, the skins of wild animals, great and small. Such abstemiousness has caused justice to be observed among them, as they covet nothing belonging to their neighbours; for it is only where riches are of use, that the desire of them prevails. And would that other men had like temperance, and like freedom from desire for the goods of others! There would then assuredly be fewer wars in all ages and countries, and the sword would not destroy

Regino de Prüm, *Chronicon,* 889

"Scythia, so they say, stretches to the east and is enclosed on one side by Pontus, on another by the Riphean mountains, and at the back by Asia and the River Ithasis. In both length and breadth it is an extensive land. The people who live there have no frontiers between themselves. They very rarely engage in agriculture, and they have no houses or shelters or residences; for they constantly pasture their cattle and flocks and are accustomed to roaming the uncultivated wilderness. They transport their wives and children with them in wagons which they use as houses by convering them with hides as protetion against the rain and cold of the winter. No crime is for them more serious than theft since, as they have no buildings to protect their cattle, sheep and food, what would be left among the forests if theft were allowed? They do not desire gold and silver in the same way as other mortals, but are devoted to hunting and fishing and feed on milk and honey. They know nothing about the uses of wool and clothing and although they are constantly afflicted by the cold they wear only the skins of wild animals and rodents." (MacLean, 2009, p.202)

> *more than the natural course of destiny. And it appears extremely wonderful, that nature should grant that to them wich the Greeks cannot attain by long instrution from their wise men and the precepts of their philosophers; and that cultivated morals should have the disadvantage in a comparison with those of unpolished barbarians. So much better effect has the ignorance of vice in the one people than the knowledge of virtue in the other."* (Watson, 1853)

Como será de praxe neste trabalho, começarei pelos trechos alterados ou retirados para assim analisar as informações que Regino decidiu manter em seu texto.

Fica claro que ao delimitar o espaço geográfico de onde os citas vieram, Regino busca situar a região apresentada como mais próxima do mundo franco que o trecho original. Embora o Mar Negro e os Montes Urais se mantenham como referências, a mudança do Rio Rioni (ou Fásis para os gregos antigos), situado na atual Geórgia, para o Rio Itz, na Alemanha, denota a tentativa de Regino em estabelecer um marco geográfico mais compatível com a presença húngara na Europa Central. A datação do período em que Regino teria trabalhado nesta obra é obscura, mas podemos inferir que os registros de 818 à 906 foram escritos no período entre o ano 900 e 908, já residindo em Tréveris (Maclean, 2009, p.10), período onde a atividade húngara nas regiões limítrofes dos territórios francos se intensificava. O Rio Itz em questão cortava a Turíngia e a Saxônia, regiões que sofreram com ataques em 908. Veremos o esforço de enquadrar a sua fonte de forma a melhor servir o contexto das relações entre francos e húngaros durante toda a passagem de 889.

A omissão da sentença "*Justice is observed among them, more from the temper of the people, than from the influence of laws.*", pulando direto para a observação "*No crime is for them more serious than theft*", me induz a fazer uma observação importante, uma vez que o termo "justiça" é retirado duas vezes neste parágrafo: uma no trecho citado a pouco, outra na sentença "*Such abstemiousness has caused justice to be observed among them, as they covet nothing belonging to their neighbours*". No mundo carolíngio, a justiça é uma qualidade política que emana da figura do Rei. Ele é, na prática, a fonte de toda justiça (Kantorowicz, 1957, p.18). No *Chronicon,* o termo "justiça" geralmente aparece como uma característica associada a reis e governantes, como no momento em que o rei Dagoberto I toma como conselheiros o prefeito de palácio Pepino e o Bispo Cuniberto: "*With their strong advice he embraced the love of prosperity and justice and he was extolled with the goodwill of all the peoples who were subject to him"* (MacLean, 2009, p.107). Em outra passagem, ao falar da

morte do rei Luís, o gago, Regino escreve: "*That ruler was was a mild and honest men, a lover of peace, justice and religion"* (MacLean, 2009, 179). Segundo Ernst Kantorowicz (1957, p.72), durante a Alta Idade Média a ideia dos dois corpos do rei imprime uma atribuição litúrgica à atividade régia, uma vez que o soberano desempenha o papel de mediador entre o céu e a terra. Se o Rei é político e litúrgico, e Deus age através dele, a justiça é uma qualidade não apenas política, mas também cristã. Seguindo esse raciocínio, é plausível que não seja atribua justiça aos Citas, não apenas pelo caráter bárbaro desse povo, mas também por seu paganismo.

As sentenças que se seguem nos mostram que Regino trabalha as informações da fonte em conjunto com o que se sabia sobre os húngaros de seu tempo. Justino escreve, "*O povo não possui monumentos, pois não cultiva o solo ...*", enquanto Regino escreve, "*Muito raramente se dedicam à agricultura,*". Há a incorporação da caça e da pesca, além do leite e do mel na dieta cita. Estas são reflexões a cerca de um modo de vida que não pertence aos francos, acostumados ao sedentarismo e à agricultura. Porém, visto o momento em que Regino escreve essa passagem, onde os magiares já estavam se estabelecendo nas planícies da Europa Central, é provável que já estivessem adotando características de uma vida sedentária como consequência (Bloch, 1982, p.25). Sobre o comentário relativo as suas vestimentas, a utilização de peles de animais selvagens e roedores, ao invés da lã, denota uma caracterização de atraso muito presente em representações de povos considerados bárbaros (Pohl, 1998, p.45-46).

O parágrafo de Regino continua, mas seu trabalho de edição fica muito mais evidente, uma vez que ele recorta passagens de diferentes livros da obra de Justino e as emprega a sua maneira. As sentenças que se seguem, embora pouco alteradas, são dispostas no texto de forma a conduzir o fio argumentativo a melhor satisfazer as intenções de Regino de Prüm.

A passagem de Regino, "*The Scythians tried to conquer Asia three times, while they themselves always remained untouched and unconquered by foreign powers.*" (MacLean 2009, p. 203), é retirada também do Livro II de Justino, mas do terceiro parágrafo, "*They thrice aspired to the supreme command in Asia; while they themselves remained always either unmolested or unconquered by any foreign power*". (Watson, 1853). A inserção desta passagem talvez sirva para demonstrar a capacidade bélica, além da ambição militar cita que se mostrava latente para francos e lombardos ao final do século IX. A guerra era um aspecto importante do mundo carolíngio: a dinastia não apenas se concretizou por uma série de guerras civis, mas as guerras de conquista que marcaram o reinado de Carlos Magno

definitivamente faziam parte do imaginário letrado franco (Wickham, 2019, p.511-512). Não apenas isso, mas diferente de outros trabalhos históricos Altomedievais, a guerra é um dos temas mais recorrentes no *Chronicon* de Regino de Prüm, que atribui descrições mais detalhadas aos conflitos (MacLean, 2009, p.46). Penso que, levado em consideração o contexto em que a empreitada imperial carolíngia havia acabado de fenecer (Wickham, 2019, p.539), assuntos como hegemonia política e campanhas militares podem ter se tornado importantes para o provável público do *Chronicon* (MacLean, 2019, p.16), o que pode justificar essa informação no texto.

Um breve comentário sobre as mulheres citas se coloca a seguir:

Just. *Epit.* 2.1.2	Regino de Prüm, *Chronicon*, 889
"[...] nor were they more famous for the government of their men than for the brave actions of their women. As the men were founders of the Parthians and Bactrians, the women settled the kingdom of the Amazons; so that to those who compare the deeds of their males and females, it is difficult to decide which of the sexes was more distinguished." (Watson, 1853)	*"The feats of the women were no less famous than those of the men, for while the men founded the Parthian and Bactrian Kingdoms, their women established the Amazonian kingdom, so that in considering the deeds of the men and the women it is hard to decide wich of the two sexes is more illustrious among them."* (MacLean 2009, p. 203)

Como estabelecido anteriormente, não há alterações significativas nestas passagens finais, mas existem dois pontos dignos de nota nesse trecho. Primeiro, veja que Regino mantém a capacidade dos Citas de darem início a outros reinos. Embora os húngaros não sejam nomeados aqui, é importante frisar que, pelo menos, três outros reinos se originaram deles. Fica a imagem de que os Citas são um ponto comum de etnogênese para diversos povos. Esse trecho também se insere numa reflexão maior na narrativa de Regino de Prüm. A representação da mulher cita feita por ele é diametralmente oposta à de Justino, visto que enquanto na *Epítome* as capacidades de suas mulheres agregam positivamente à sociedade Cita, no *Chronicon* a igualdade dos sexos confere aos húngaros os rótulos de ensoberbecidos, briguentos, enganadores e insolentes. Esta discussão será retomada quando o momento for oportuno.

A sentença a seguir encerra o parágrafo de Regino, continuando a narrativa sobre a atividade bélica cita, mas especificamente sobre feitos militares do passado:

Just., *Epit.,* 2.3.2	Regino de Prüm, *Chronicon*, 889
"Darius, king of the Persians, they forced to quit Scythia in disgraceful flight. They slew Cyrus with	*"They drove the Persian king Darius from Scythia in shameful flight, and butchered Cyrus with his*

his whole army. They cut off in like manner Zopyrion, a general of Alexander the Great, with all his forces. Of the arms of the Romans they have heard, but never felt them. They founded the Parthian and Bactrian powers. They are a nation hardy in toils and warfare; their strength of body is extraordinary; they take possession of nothing which they fear to lose, and covet, when they are conquerors, nothing but glory." (Watson 1853)

entire army. In the same way they annihilated Alexander the Great's general Sopyrion with all his forces. They had heard about the arms os Rome, but not felt them. Hardened by war and by hard work, they have immensely strong bodies." (MacLean, 2009, p. 203)

Complementando a informação sobre a atividade cita na Ásia, contribuindo assim para a demonstração de sua capacidade militar. Manter as menções aos reis persas Dario e Ciro não configura apenas como uma referência histórica para o seu público leitor, mas também bíblica, visto que ambos aparecem em versículos. Junto das passagens anteriores, penso que esse trecho se encaixa muito bem numa das ferramentas da retórica de alteridade pontuada por Hartog (2014, p.261): a medida do *Thôma,* ou seja, a medida de suas maravilhas ou curiosidades. As tentativas de conquistar a Ásia, o seu território intocado, os reinos que se originaram deles, os feitos de suas mulheres e, por fim, seus embates com reis do passado; todos podem se enquadrar nessa abordagem. A medida do *Thôma* pode exprimir-se pela quantidade, por números e medidas. Nesse caso, se configura pela demonstração quantitativa dos feitos militares, dos reinos descendentes e dos reis derrotados (alguns deles bíblicos). Mas o *Thôma* também pode se caracterizar pela singularidade, que nesse caso consideraria a pontuação sobre as mulheres Citas (Hartog, 2014, p.264). É pelo estabelecimento e contabilização de suas maravilhas ou curiosidades, que o narrador exprimi a realidade do "Outro" para o destinatário (Hartog, 2014, p.267).

Neste primeiro parágrafo o que se vê é um esforço de caracterização geral dos citas/húngaros, a fim de apresentar ao leitor os aspectos definidores do seu modo de vida. Em conjunto, o que ele imprimi é que o povo em questão se enquadra nos moldes do nomadismo. A tradição latina não era alheia a essa prática, visto que não muito antes dos magiares, hunos e ávaros já haviam atormentado o ocidente. O que Regino procura em Justino, como também procurou em diversos outros autores, é legitimidade para sua narrativa, mesmo que os húngaros pouco tivessem a ver com os citas. Diferente dos citas, que eram um povo iraniano, os magiares encontram sua origem ao leste dos Montes Urais, fazendo parte da família linguística fino-úgrica. Mas o fato de serem nômades e possuírem características suficientemente parecidas com aquelas descritas na *Epítome,* fez com que Regino conseguisse associá-los a um povo que já existia dentro do universo intelectual franco.

Mas o crédito dessa associação não pode ser dada complemente para Regino de Prüm, sem antes saber o que está em movimento nessa associação. Nomes coletivos ou etnônimos desempenhavam um papel importante para narrativas identitárias da Alta Idade Média (Pohl, 2019, p.19). Não apenas os húngaros, mas outros povos das estepes, como ávaros e hunos, também tiveram sua existência associada aos citas (Pohl, 1998, p.31). O uso de termos guarda-chuva como "Cita" se faziam necessários aos historiadores medievais em suas narrativas, uma vez que "o povo" era o sujeito ideal de toda atividade histórica (Pohl, 2019, p.19).

Hartog (2014, p.268) afirma: "Uma retórica de alteridade é, no fundo, uma operação de tradução: visa a transportar o outro ao mesmo (*tradere*) – constituindo portanto uma espécie de *transportador da diferença*". Aqui a tradução age de maneira a reduzir a distância entre o conhecido e o desconhecido. Regino de Prüm traduz os húngaros tendo como base o conhecimento coletivo dos seus leitores, classificando-os de maneira a se fazer entender. Atribuindo o passado dos magiares aos citas, Regino consegue se utilizar de uma classificação de identidade que seu público conhece: a do nômade da estepe. Regino não apenas se utiliza de um termo de classificação de fácil entendimento, mas o faz através da referência intelectual de Justino, contribuindo para a credibilidade de seu texto.

Porém, enquanto Justino atribui valor ao comportamento cita decorrente deste nomadismo, Regino procura, através da omissão, engessar a interpretação do leitor a uma concepção negativa do seu modo de vida nômade. Veja, por exemplo, a grande omissão que o historiador franco faz na comparação entre citas e gregos. Talvez seja um esforço de alocar o modo de vida cita, e por consequência húngaro, uma conotação de atraso civilizacional. Esta interpretação é endossada pelas características não retiradas da passagem de 889, que criam a imagem de um povo que não vive em edificações, não engaja com frequência na agricultura e pouco valor vê no ouro e na prata. Aqui o que vemos é o início de uma construção étnica que coloca os húngaros num patamar de civilização inferior ao franco, uma vez que o nomadismo pertence ao mundo bárbaro.

Ao dedicar todo o seu primeiro parágrafo a descrição do povo cita, Regino de Prüm estabelece a base de sua retórica de alteridade para os húngaros. As passagens a seguir procuram responder a outras questões, igualmente pertinentes para os medievais.

Capítulo 2

Fronteira Política e Identitária

Paulo Diácono segue como a fonte escolhida por Regino de Prüm em sua narrativa sobre os húngaros. Aqui, o primeiro parágrafo do *Historia Langobardorum* faz uma aparição interessante. Após associá-los com os citas da antiguidade, Regino busca em Paulo Diácono uma justificativa para seu o surgimento nos territórios francos. Se ancorando na teoria ambientalista[3] e na confluência entre as regiões afetadas por essa migração, Regino continua a construir um fio argumentativo que faça sentido para o seu leitor. Em comparação, os trechos do *Historia Langobardorum* e do *Chronicon:*

Paulo Diácono, *Historia Langobardorum,* I.1	*Regino de Prüm, Chronicon,* 889
"The region of the north, in proportion as it is removed from the heat of the sun and is chilled with snow and frost, is so much the more healthful to the bodies of men and fitted for the propagation of the nations, just as, on the heat of the sun, the more it abounds in diseases and is less fitted for the bringing up of the human race. From this it happens that such great multitudes of peoples spring up in the north, and that that entire region from the Tanais (Don) to the west (although single places in it are designated by their own names) yet the whole is not improperly called by the general name of Germany. The Romans, howecer, when they occupied those parts, called the two provinces beyond the Rhin, Upper and Lower Germany. From this teeminh Germany then, innumerable troops of captivesaree often led awy and sold for gain to the people of the South. And for the reason that it brings forth só many human beings that it can scarcely nourish them, there have frequently emigrated from it many nations that have indeed of the parts of Europe which lie next to it. Everywhere ruined cities throughout all Illyria and Gaul testify to this, but most of all these nations. The Goths indeed, and Wandals, the Rugii, Heroli, and Turcilingi, and also other fierce and barbarous nations have come from Germany In like manner also the race of Winnili, that is, of Langobards, which afterwards ruled prosperously in Italy, deducing its origin from the German peoples, came from the island which is called Scadinavia, although other causes of their emigration are also	*"They overflowed with such a huge population, however, that the land they already had was not enough to feed them. This is because the further the lands of the north are removed from the warmth of the sun, and the more they are frozen by icy snow, the healthier they are Conversely, all the southern regions, which are closer to the sun's heat, always abound in illness and are less well adapted to the rearing of humans. This is why such great numbers of peoples spring up under the northern skies, so that it is quite correct to call that entire region from the Don to the west by the general name of Germany, though individual places within it also have their own names. Because Germany is só populous, innumerable groups of captives are often taken from there and sold to southern peoples for money. Peoples have frequently left this region because it produces só many human beings that there are barely enough resources to feed them. These groups have afflicted Asia, but mainly they have troubled adjacent parts of Europe. Ruined cities throughout IllYricum and Gaul testify to this, but above all unhappy Italy has experienced the savagery of almost all of these peoples."* (MacLean, 2009, p. 204)

3 A teoria ambiental é uma herança da antiguidade. Determina que os povos refletiam as condições do lugar onde haviam nascido, sendo assim condicionados pelo clima e geografia (Bethencourt, 2018, p. 37)

alleged." (Foulke, 2003, p.1-3)

Da mesma forma que a passagem analisada no capítulo anterior, o trecho original passa por um trabalho de edição antes de estampar as páginas do *Chronicon.* E embora o parágrafo seja retirado praticamente todo de Paulo Diácono, a informação da primeira sentença, "*They overflowed with such huge population, however, that the land they already had was not enough to feed them.*" (MacLean 2009, p. 204), ainda pertence a Justino. Simon Maclean (2009: 204 n.371) advoga que este dado é retirado do segundo parágrafo do livro IX da *Epítome*, momento em que é apresentada uma interação entre o rei cita Atheas e Filipe II da macedônia:

> *"Atheas, alluding to the rigour of their climate and the barrenness of their soil, which, far from enriching the Scythians with wealth, scarcely afforded them sustenance, replied, that 'he had no treasury to satisfy so great a king, and that he thought it less honourable to do little than to refuse altogether; but that the Scythians were to be estimated by their valour and hardiness of body, not by their possessions."* (Watson 1853)

Regino não apenas teria simplificado a informação, mas novamente omiti passagens que pudessem construir uma representação positiva dos Citas. Penso que daqui são retiradas as informações sobre o rigor do clima, a esterilidade do solo e a dureza dos corpos que levam Regino a buscar em Paulo Diácono uma resposta para a migração dos Húngaros. Tendo isso em mente, partirei para as disparidades dos textos.

O primeiro trecho omitido por Regino de Prüm é aquele em que Paulo Diácono fala sobre a presença romana na Alemanha. Paulo, claramente se refere ao Império Romano da antiguidade em sua expansão na Germânia, mas Regino escolhe não acrescentar essa informação. O porquê da omissão pode ser interpretada ao vermos como a categoria "romano" é utilizada dentro de sua obra. Quando aparece no *Chronicon*, "romano" geralmente se refere ou aos moradores de Roma ou aos bizantinos: "*In that same year Charles [the Bald] went to Rome and after giving great gifts to the apostolic John and the Romans he was made emperor*." (MacLean, 2009, p. 173); "*Narses was accused by the Romans before Justin and his wife Sophia of claiming as a reward the subjection of Italy.*" (MacLean, 2009, p. 89). O "romano" como objeto de classificação identitária, nesse momento, não mais representa aqueles mesmos da antiguidade, mas sim os bizantinos (Geary, 2005, p.149). Para Paulo Diácono, um lombardo escrevendo sobre seu povo, afirmar que, os romanos ocuparam aquela região enquanto os lombardos migravam da Escandinávia para se afirmar politicamente na

Itália, não configurava um problema. Por outro lado, a omissão do trecho por Regino pode significar que rememorar uma antiguidade romana poderia não ser vantajoso ou importante para sua narrativa. Ele escreve não apenas para um público eclesiástico, mas também para a sociedade cortesã de seu tempo, uma vez que, durante o período carolíngio, a nobreza era normalmente letrada (Mckitterick, 1989, p.213) e consumidora de livros de história (McKitterick, 1989, p.238). Vivendo no conturbado ambiente político dos séculos IX e X, onde o fim da dinastia carolíngia e a fragmentação do império desembocaram em uma série de conflitos internos, não haveria motivo para cutucar o vespeiro que poderia ser a disputa pelo passado imperial romano.

A omissão seguinte é a maior feita por Regino de Prüm em relação a Paulo Diácono. Está na passagem que fecha o texto, onde são nomeados os povos a quem Paulo Diácono se refere: Godos, Vândalos, Rúgios, Hérulos, Turcilingi e Lombardos. É importante frisar que a *Historia langobardorum* se ocupa primariamente de fazer uma genealogia política dos Lombardos, povo com quem Paulo Diácono identificava-se e que ao final do século VIII (momento em que a obra fora escrita) via seu reino dominado pelos francos, o que explica a recorrente aparição deles em seu texto. Podendo assim, a *Historia* ser uma reafirmação política dos lombardos em seu território, é provável que pontuar a dominação lombarda na Itália não fosse prioridade para Regino, uma vez que o reino dos lombardos já havia feito parte do império carolíngio. Com relação à Godos e Vândalos, suas aparições anteriores no *Chronicon* pode ajudar a esclarecer a omissão.

As primeiras entradas sobre Godos e Vândalos no texto de Regino aparecem em datas do século IV, onde são retratados suas invasões na Gália, Itália e norte da África: "*The Huns burst forth from their own lands against the Goths, and the Goths devastated Thrace*" (MacLean, 2009, p.81); "*The Goths entered Italy and the Vandals and Alans entered Gaul.*" (MacLean, 2009, p.82)*;* "*The peoples of the Vandals, Alans and Goths devastated Africa. […] The Vandals Captured Carthage and crossed to Sicily."* (MacLean, 2009, p.83). Em outros momentos a crônica deixa claro a percepção que Regino procura imprimir é de que os Vândalos eram hereges e violentos: "*Huneric, the Arian king of the Vandals, having driven away more than 334 bishops, closed their churches and afflicted the people with various sufferings.*" (MacLean, 2009, p.85). Fica subentendido que Regino caracteriza esses povos como invasores em um mundo mais civilizado. Agora compare esta passagem a primeira menção aos Lombardos: "*At that same time Alboin, son of Audoin, was now the tenth to rule the Lombards, and had taken in marriage Chlothsuind, the daughter of Clothar king of the*

Franks." (MacLean, 2009, p.88). A apresentação dos primeiros tende a reforçar uma imagem mais negativa, enquanto que no segundo já é estabelecida uma postura mais cordial. Em conjunto com o fator da irrelevância da genealogia política lombarda, esta caracterização enriquece a construção de uma hipótese para o motivo da omissão do trecho presente no parágrafo original.

Ao dedicar quase toda a passagem de 889 aos húngaros, não fazia sentido político para Regino de Prüm pontuar que um povo germânico migrou de sua terra natal, para assim governar com prosperidade no mundo cristão (o caso dos lombardos). Assim como também não faz sentido enumerar povos considerados ferozes e bárbaros, mas que assim como os francos, possuíam alguma identidade germânica. Da mesma forma que "cita", "germânico" também era utilizado como um termo guarda-chuva (Pohl, 1998, p.19). Como dito anteriormente, Regino escreve para um público maior que apenas o eclesiástico, atingindo também um público cortesão que se via nas disputas políticas posteriores ao fim do império carolíngio e que, provavelmente, tinha acesso ao conteúdo da *Historia langobardorum*. Tudo indica que a omissão é estratégica. Tendo acabado de perder o importante cargo de Abade em Prüm em decorrência dos trâmites políticos no reino da Lotaríngia (MacLean, 2009, 2), Regino poderia, através da influência de seu texto, reaver algum tipo de reconhecimento. Por isso seria importante para ele não levantar dúvidas sobre a superioridade política, militar e moral franca em meio a uma possível crise com a chegada dos húngaros nas tramas do mundo cristão.

Das partes que foram incorporadas ao *Chronicon*, a impressão é que ao buscar uma justificativa para a migração húngara, Regino procura no texto de Paulo Diácono uma resposta. Paulo credita a migração germânica ao fato de que a posição geográfica da Alemanha proporcionava uma melhor "propagação de nações"[4], uma vez que longe do calor do sol os povos das regiões setentrionais eram mais saudáveis e por isso possuíam tantas pessoas. Seria então a superlotação e consequentemente a falta de recursos para sustentar tamanha população que fizeram com que os povos germânicos enumerados por Paulo Diácono migrassem para outras regiões. A meu ver, Regino buscou seguir o mesmo raciocínio para justificar o aparecimento dos magiares no mundo cristão, uma vez que, no trecho seguinte, é explicitado que os húngaros foram expulsos pelos Pechenegues de sua terra natal. Assim como no caso dos povos germânicos do *Historia*, a superpopulação também fora um fator decisivo na construção de Regino, que pontua:

4 No original: "*propagandis est gentibus coaptata*" (Waitz, I.1)

> "*The Hungarians were thus driven from their home in these lands by a neighbouring people called the Petchenegs, because they were superior to them in strength and number and because, as we said before, their own country was not sufficient to accommodate their swelling numbers."* (MacLean, 2009, p. 204)

Regino está se fazendo valer através de um parâmetro de identificação de que as características físicas de um povo são reflexo das características climáticas e geográficas do local onde vivem, conceito herdado da antiguidade. Por vezes, narrativas de povos medievais buscavam suas origens em lugares distantes e relacionavam suas migrações a mesma teoria ambiental utilizada por Paulo Diácono (Pohl, 2019, p.34). Regino de Prüm escolhe então se basear na mesma premissa para os húngaros. Junto das passagens retiradas de Justino, o historiador franco consegue moldar sua própria narrativa sobre a origem húngara, sem sair do escopo do reconhecível dos seus destinatários.

Um fator também presente nesse parágrafo é, a relação entre a atividade bélica húngara e das nações germânicas. Regino optou por não omitir a situação da Ásia e das regiões europeias adjacentes a ela, assim como das cidades em ruínas pela Ilíria, Gália e acima de tudo da "infeliz Itália". Em um outro momento da entrada de 889, Regino explica que procurando um lugar para viver, os Húngaros foram até a Panônia para logo em seguida atacar outras terras:

> "First they roamed the wildernesses of the Pannonians and the Avars, and sought their daily food by hunting and fishing. Then they attacked the lands of the Carinthians, Moravians and Bulgars with the infestation of constant raids, killing a very few with the sword and many thousands with arrows, wich they fire from their bows made of horn with such skill that it is almost impossible to avoid being hit by them." (MacLean, 2009, p. 205)

Todos estes povos ocupavam regiões limítrofes ao mundo carolíngio, próximos ou em constante relação com o mundo bizantino. Na passagem do ano de 895, há o reflexo da atividade húngara na Morávia: "[…] *Zwentibald king of the Moravian Slvs, a man most prudent among his people and very cunning by nature, ended his final day. His sons held his kingdom for a short and unhappy time, because the hungarians utterly destroyed everything in it."* (MacLean, 2009, p. 218) Em outro momento, na passagem referente ao ano de 901, Regino faz menção à destruição feita pelos húngaros na terra dos lombardos: "[…] *the hungarians people entered the lands of the Lombards and savagely destroyed everything with murder, fire and plunder."* (MacLean, 2009, p.226). Ao lembrarmos da data estimada em que Regino escreve essa passagem (entre 900 e 908), é plausível interpretar que ele tenha a escrito

já sabendo da atividade húngara na Itália e Morávia. Ou seja, ao que tudo indica, Regino também busca na convergência entre os alvos dos húngaros e dos povos descritos por Paulo Diácono mais uma ferramenta de identificação, endossada pelos alvos militares dos húngaros.

Embora não estejam falando dos mesmos povos, Regino se apropria da narrativa de Paulo Diácono para, novamente, associar os húngaros a um conhecimento prévio de seus leitores. Ele assimila a informação sobre a superpopulação nas regiões mais frias com a dos lugares atacados, criando assim uma percepção de familiaridade. Mas não o faz de forma indiscriminada, omitindo estrategicamente os trechos que poderiam ser inconvenientes se levado em consideração o momento e o público de sua obra. O que Regino quer, é construir um raciocínio de que os citas do passado são os húngaros de seu tempo, mas para isso ele se utiliza de Paulo Diácono como uma camada intermediária, onde uma informação sobre os citas ("*They overflowed with such huge population, however, that the land they already had was not enough to feed them.*") se transforma em um caminho lógico para a atividade húngara no presente: a superpopulação como motivo da sua migração e os subsequentes ataques às regiões citadas.

Mas como isso se insere na caracterização do povo húngaro? Bom, a maneira como Regino demarca a migração dos magiares para o mundo franco não deve ser vista com levianidade. Quem migra, o faz vindo de um outro lugar, portanto não "pertence", ou não é originário do espaço onde se encontra. Regino de Prüm usa Paulo Diácono como uma peça para reafirmar que os húngaros fazem parte de um outro mundo, que estão além de uma fronteira e que se associam a uma antiguidade diferente à franca. Esse movimento faz parte de uma estratégia de identificação, reafirmando a alteridade dos húngaros, de maneira que o leitor consiga assimilar não apenas suas disparidades culturais em relação a eles, mas também as suas origens geográficas distintas.

A percepção que o mundo carolíngio tinha de suas fronteiras exerce grande influência em sua abordagem. O que se via em autores do império romano como Orósio, era que a ideia de Roma como o único império não dava muita vazão ou a devida importância para o conceito de fronteira, uma vez que era inimaginável a existência de outros governos além do romano (Goetz, 2001, p.76). Para os carolíngios era diferente: eles não apenas contavam com conceitos mais claros de governo e ordem política, mas também assumiam que reinos possuíam fronteiras definidas (Goetz, 2001, p.79). Além disso, é sabido também que cronistas medievais tendiam a reforçar as visões de fronteira que seus governantes tentavam impor

(Power Staden, 1999, p.25). Regino delimita uma fronteira pela assimilação de um espaço geográfico diferente ao dos francos e, novamente, reconhecido pela tradição latina.

Em *Frontiers and Ethnic Identities: Some Final Considerations*, Walter Pohl (2005, p.257) declara que certas fronteiras não são apenas políticas, mas também carregadas de simbolismos. Segundo ele, o limite entre francos e hunos, ávaros ou húngaros não era apenas uma fronteira entre cristãos e pagãos, mas uma entre o bem e o mal, entre salvação e apocalipse. Em síntese, era um abismo étnico que poderia ser percebido através de estratégias de identificação das narrativas que autores como Regino de Prüm se propunham a fazer. Para Walter Pohl (2001, p.259-260), por vezes, essas percepções identitárias de povos estrangeiros, eram mais importantes para aqueles que viviam longe das fronteiras do que para os que viviam próximos a elas. Fronteiras identitárias eram, dessa forma, mais importantes do que fronteiras políticas de reinos e impérios.

No próximo capítulo, as diretrizes que norteavam a caracterização étnica de um povo durante a Alta Idade Média, serão apresentadas em concomitância com os trechos finais referentes aos húngaros na passagem de 889. O que se vê é o esforço de levantar tais características, não apenas através do que é retirado das páginas da *Epítome* de Justino, mas também pela apresentação de aspectos definidores de um povo propriamente bárbaro e selvagem.

Capítulo 3

Sinais de Etnicidade e Bestialização

As últimas citações exemplificam mais uma vez a maneira como Regino de Prüm utiliza suas fontes, visto que as sentenças que serão analisadas a partir de agora foram retiradas de passagens onde Justino se refere aos partas. É perceptível que, o estabelecimento deles como um povo que de alguma forma derivou-se dos citas, confere alguma legitimidade a essa narrativa de Regino. As citações a seguir se misturam com passagens autorais, que visam concluir a representação dos húngaros sob diretrizes muito comuns durante a Alta Idade Média. São comentários sobre a sua natureza comportamental e seu modo de fazer guerra que concluem o que, na minha percepção, não apenas finaliza uma tradução do povo Húngaro, mas também estabelece um cenário de conflito étnico.

Regino de Prüm estabelece em *Epistula ad Hothonem archiepiscopum* que povos se diferenciavam pela sua origem, por seus costumes, sua língua e suas leis[5], o que parcialmente se reflete em sua descrição dos Húngaros, uma vez que não há comentários sobre a língua. Sua percepção do que define um povo está ligada a toda uma tradição da Alta Idade Média que, segundo Walter Pohl (1998, 18), deriva de critérios criados pelo historiador romano Tácito: aparência física, cultura, forma de se vestir, hábitos, religiões, língua e armas. Dentre estes, os sinais de etnicidade mais comuns nos autores medievais seriam a língua, as armas (ou o modo de fazer guerra), vestimenta, estilos de cabelo e sinais corporais (Pohl, 1998, 22-51). Até o momento, questões como origem, costumes, leis, vestimentas e até uma breve explanação sobre os arcos húngaros já apareceram na passagem de 889, mas são nos parágrafos finais que Regino de Prüm parece ser mais enfático em sua caracterização.

Em passagem já apresentada anteriormente, Regino afirma que a principal unidade militar dos magiares era a cavalaria arqueira, com seus arcos feitos de chifres e sua tremenda habilidade ao utilizá-los[6]. Logo em seguida, ele complementa com a seguinte sentença: "*But they khow nothing about fighting hand-to-hand in formations or taking besieged cities"* (MacLean, 2009, p.205). Nenhuma alteração relevante em comparação ao original, que é retirada do segundo paragrafo do livro XLI da *Epítome* de Justino: "*Of engaging with the*

5 No original: *"diversae nationes populorum inter se discrepant genere moribus língua legibus".* (Kurze, 1890, XX)

6 *Then they attacked the lands of the Carinthians, Moravians and Bulgars with the infestation of constant raids, killing a very few with the sword and many thousands with arrows, wich they fire from their bows made of horn with such skill that it is almost impossible to avoid being hit by them.* (MacLean, 2009, p. 205)

enemy in close fight, and of taking cities by siege, they know nothing. (Watson 1853). O que se segue até o final do parágrafo de Regino de Prüm, é uma descrição detalhada de como eles se comportavam em campo de batalha:

> *They fight by charging forward and turning back on their horses, often indeed simulating flight. Nor can they fight for a long time; but they would be irresistible if they perseverance were as strong as their charge. Mostly they leave the battle at the height of the fighting and soon afterward come back from their retreat to fight again, so that just when you think you have won, the critical moment has to be faced.* (MacLean, 2009, p.205)

A descrição de Regino é mais um aspecto que acrescenta a leitura dos húngaros como um povo nômade, uma vez que havia uma distinção entre povos celtas e germânicos, que lutavam a pé; e povos nômades, como citas, hunos e ávaros, que lutavam a cavalo (Pohl, 1998, p.29). A cavalaria leve, aquela que fazia uso principalmente do arco composto, era comumente associada com um tipo "cita" de povo, mesmo que não fosse uma característica étnica, mas sim ambiental, visto que era fruto da vida nas estepes (Pohl, 1998, p.30-31).

No parágrafo que se segue, Regino Prüm escreve:

> *Their way of fighting is all the more dangerous in that other peoples are not used to it. The difference between their way of fighting and the Bretons' is that they use arrows while the Bretons throw missiles. They do not live like humans, but like beasts. For, so it is rumoured, they eat their meat raw, drink blood, chop up the hearts of captives and swallow them bit by bit just as if they were medicine; and they are not swayed by any compassion nor moved by any stirring of pity. They cut their hair down to the skin with their knives.* (MacLean, 2009, p.205)

Aqui são apresentados três pontos interessantes: um paralelo ao modo de fazer guerra dos Bretões; uma caracterização bestializadora; e a raspagem dos cabelos.

No primeiro ponto, ao fazer um paralelo com os bretões (que a essa altura já foram citados diversas vezes no *Chronicon*), Regino de Prüm apela para uma comparação que recorre ao conhecimento prévio de um outro povo. Buscando convencer o seu leitor, ele busca num paralelo imaginável dar as ferramentes necessárias para que seu destinatário forme a imagem desejada (Hartog, 2014, p.261). Na passagem de 860, Regino de Prüm apresenta a seguinte sentença:

> *According to heir custom the Bretons, running hither and thither with horses trained for this kind of fighting, first attacked the Franks' closely packed battle0line and with all their might hurled their spears into its midst; and then while feigning flight they nevertheless drove javelins into the breast of their pursuers.* (MacLean, 2009: p.137)

A comparação de Regino, ao que se percebe, não é feita sem um precedente já estabelecido anteriormente no próprio *Chronicon,* conferindo maior inteligibilidade aos húngaros.

Fazendo alusão aos atos de comer carne crua, corações e beber sangue, penso que Regino está se remetendo a uma prática que, dentro da tradição greco-romana, fora imputada aos citas: o pacto de sangue. Quando os húngaros começaram a se estabelecer na Europa Central, uma série de hábitos detestáveis foram imputados a eles (Németh, 2011, p.48). Ao que tudo indica, a suposição de que os húngaros eram de alguma forma ligados aos citas, fez com que Regino de Prüm assumisse que eles, como bárbaros pagãos, eram adeptos da prática de beber sangue (Németh, 2011, p.60). François Hartog (2014, 48) advoga que, "entre o narrador e o destinatário existe, como condição para tornar possível a comunicação, um conjunto de saberes semânticos, enciclopédico e simbólico que lhes é comum". Dessa maneira, a associação entre húngaros e citas se justifica mais uma vez.

Associar tais práticas aos magiares, assim como caracterizá-los como desprovidos de compaixão e piedade denota um esforço de Regino em aprofundar ainda mais as diferenças entre "o povo de quem se fala" e "aquele com quem se fala". Assim como a justiça, a compaixão (*miseratione*) e a piedade (*pietatis*) aparecem aqui não apenas como qualidades comportamentais, mas sim políticas. No *Chronicon,* também são virtudes associadas com figuras régias, como na passagem de 870, "*Moved by pity* [*miseratione*]*, Louis gave him the monastery of St Willibrord at Echternach to sustain him in the present life, and soon afterward he died and was buried there."* (MacLean, 2009, p.164), ou na passagem de 871, "*The emperor, since his whole person flooded with piety* [*pietatis*]*, was moved by mercy;* […]" (MacLean, 2009, p.165). Regino de Prüm está embebido numa tradição romana que, como visto em Sêneca, caracteriza a clemência com uma virtude convém principalmente ao rei e ao príncipe (Braren, 2013, 49).

Por último, a curta sentença sobre o corte de cabelo dos húngaros, me faz retornar ao trabalho de Walter Pohl. Como afirmado anteriormente, o estilo do cabelo era um dos aspectos mais recorrentes na identificação étnica, mesmo que não estivesse explicitamente dentro das categorias de autores clássicos (Pohl, 1998, p.51). A pontuação se mostra importante porquê rituais que envolviam o corte dos cabelos eram recorrentes no mundo Franco. Veja o simbolismo que davam ao corte dos cabelos (Diesenberger, 2003, p.212) ou o simbolismo no pedido de Carlo Magno ao exigir que os lombardos se barbeassem em sinal de

submissão (Pohl, 1998, p.58). A ênfase da sentença de Regino de Prüm está no ato e não no estilo de cabelo, o que pode justificá-la para o leitor franco.

O último parágrafo sobre os húngaros na entrada de 889 é formado por três citações aos partas que no texto original se encontram em parágrafos diferentes do livro XLI da *Epítome*. A primeira sentença do parágrafo de Regino de Prüm, "*They ride their horses all the time; they are accustomed to travel, halt, think and talk on them.*" (MacLean 2009, p.206), faz referência a seguinte passagem de Justino: "*They ride on horseback on all occasions; on horses they go to war, and to feasts; on horses they discharge public and private duties; on horses they go abroad, meet together, traffic, and converse.*" (Watson 1853). Além da óbvia síntese feita por Regino, a omissão de "*cumprem tarefas públicas e privadas*" enuncia um processo de despolitização dos Húngaros que se alastra durante toda a entrada de 889. Regino continua: "*They put a lot of effort into teaching their children and slaves horse-riding and archery*" (MacLean 2009, p. 206). Aqui já são omitidas mais informações. Justino advoga que o exército parta é formado majoritariamente por escravos, característica que não é atribuída aos húngaros, provavelmente refletindo que esta prática não fazia parte da sua cultura:

> "*They have an army, not like other nations, of free men, but chiefly consisting of slaves, the numbers of whom daily increase, the power of manumission being allowed to none, and all their offspring, in consequence, being born slaves. These bondmen they bring up as carefully as their own children, and teach them, with great pains, the arts of riding and shooting with the bow*" (Watson 1853)

Como mostrado anteriormente, Regino de Prüm priva os húngaros de justiça, compaixão e piedade, todas qualidades políticas. Em seguida, não lhes atribui atividades públicas ou privada, que, por mais difícil que fossem suas distinções, configuravam a prática política da Alta Idade Média (Silva, 2010, p.41). E agora, a omissão de um exército, mesmo que de escravos, confere aos húngaros o *status* de um povo sem nação. Este processo de deslegitimação dos magiares como uma força política continua; se enquadrando como mais uma estratégia de distinção entre francos e húngaros.

Para finalizar a análise dos trechos da *Epítome* incorporadas ao texto do *Chronicon*, será preciso retomar uma discussão suspensa anteriormente. Aqui são apresentadas algumas características do povo húngaro, além de uma representação de suas mulheres em referência às suas qualidades. Regino cria outra interpretação com base no texto apresentado por Justino:

Just., *Epit.,* 41.3.7	Regino de Prüm, *Chronicon*, 889
"The disposition of the people is proud, quarrelsome, faithless, and insolent; for a certain roughness of behaviour they think becoming to men, and gentleness only to women. They are always restless, and ready for any commotion, at home or abroad; taciturn by nature; more ready to act than speak, and consequently shrouding both their successes and miscarriages in silence." (Watson 1853)	*"By nature they are puffed up, quarrelsome, deceitful and insolent, as it to be expected from people who attribute the same fierceness to women as to men. They are always restless and inclined to make trouble either at home or abroad. They are inherently taciturn, and more given to action than to words. By their savagery, this abominable people devastated not only the regions already mentioned, but also most of the kingdom of Italy"* (MacLean, 2009, p. 206)

Mais uma vez, Regino altera o contexto em que as citações são retiradas para reafirmar uma narrativa pejorativa dos húngaros. Quando Justino fala das mulheres citas em sua obra, ele o faz de maneira elogiosa, vendo valor num povo em que tanto os feitos dos homens quanto os das mulheres são dignos de nota. Mesmo ao falar sobre a rudeza do povo parta, ele não faz juízo negativo de suas mulheres. Mas Regino emborca para o lado oposto, afirmando que é pelo fato de homens e mulheres possuírem a mesma ferocidade, a mesma capacidade de ação, que o povo possui tantas características negativas.

Isso acontece porquê, como citado anteriormente, Regino de Prüm e a sociedade franca são herdeiros de uma tradição latina. Sêneca diz:

> *É próprio de grande alma ser calma e tranquila, e olhar de cima as injúrias e ofensas. Cabe à mulher perder a cabeça de raiva; mas é próprio de animais ferozes, e certamente dos de não boa raça, morder e estraçalhar as vítimas prostradas. Elefantes e leões prosseguem seu caminho por entre os que abateram; a obstinação é própria do animal ignóbil.* (Braren, 2013, 52)

Referindo-se ao trabalho do narrador para se fazer entendido pelo destinatário, Hartog afirma que "a simples atividade de nomeação que o narrador realiza é um modo de referir-se ao saber compartilhado" (Hartog, 2014, p.51). Ao atribuir a ferocidade como qualidade inata aos húngaros, Regino de Prüm está acessando uma tradição que valida não apenas sua representação da mulher húngara, mas também concretiza a bestialização do abominável e selvagem povo húngaro.

O que se configura aqui é o estabelecimento de um conflito que não se limita apenas ao militar. Mais do que uma fronteira política, o trabalho de Regino de Prüm escancara um embate étnico que não foi travado apenas entre francos e húngaros, mas entre nômades e sedentários, homens e bestas; recorrentemente entre um modelo de civilização e um mundo bárbaro. Para o antropólogo Jack Eller (2010), diferenças culturais são utilizadas simbólica e emblematicamente. As diversas características culturais de um povo funcionam como

marcadores de seu pertencimento ao grupo. São esses marcadores que definem as diferenças, e por consequência, são essas diferenças que produzem fronteiras étnicas (Barth, 1981, p.204). Regino de Prüm opera de maneira criteriosa uma caracterização dos marcadores que definem o povo húngaro, a fim de dar inteligibilidade à fronteira que se mostrava iminente. É tanto pela apresentação de signos reconhecíveis quanto pelas omissões textuais que o embate étnico se concretiza.

Segundo Eller (2010), etnicidade não se configura apenas como cultura, mas como cultura autoconsciente e mobilizada. Essa mobilização se dá pela percepção de que "nós" estamos em conflito com "eles" e que são os contrastes reconhecíveis que fazem a diferença nesse conflito. Dessa maneira, grupos étnicos não se limitam a questões identitárias, se configurando também como grupos de interesse que, se municiando dos seus signos, pelejam em um conflito étnico. É dessa maneira que Regino trabalha durante toda a sua caracterização dos húngaros: se armando de todo referencial reconhecível, para assim delimitar e traduzir a fronteira entre francos e um povo inédito, um povo ainda sem alteridade.

Considerações Finais

Regino de Prüm, autoproclamado historiador dos francos, começa a entrada de 889 da seguinte maneira:

> *"In the year of the Lord's incarnation 889, the Hungarian people, who were extremely warlike and more savage than any beast, and who were unheard of in previous centuries because they were not named [in the sources], emerged from the Scythian Kingdom and the immense marshes created by the floods of the River Don. But before we follow the cruel deeds of this people with our pen, it does not seem superfluous for us to record something about the location of Scythia and the customs of the Scythians according to the words of the Historiographers."* (MacLean 2009, p. 202)

Este trecho apresenta todas as intenções do autor, assim como uma visão geral do que será apresentado por ele. Procuro dar ênfase para dois pontos que se destacam nesta breve introdução de Regino. Em primeiro lugar, o povo húngaro, guerreiro e mais selvagem do que qualquer besta, não era conhecido pelos francos de seu tempo e aparentemente não constava nas fontes. É real que pouco se sabia sobre os magiares, visto que sua presença no ocidente se deu apenas em meados do século IX, não muito antes de Regino se debruçar na escrita de sua crônica. O que nos encaminha para a segunda questão: antes de imprimir qualquer informação autoral sobre os húngaros, a procura por credibilidade em sua narrativa o levou a utilizar como referência o historiador romano Justino e o historiador lombardo Paulo Diácono. Regino de Prüm busca nestes autores respaldo dentro de uma tradição da qual os carolíngios eram herdeiros e que permeava o ambiente intelectual de clérigos e cortesãos francos.

Mas respaldo para o que exatamente? Respaldo na produção da retórica de alteridade sobre povo que até então era inédito no mundo cristão. Eles possuíam sim, semelhanças o suficiente para que Regino pudesse associá-los com um povo já registrado pela tradição. Mas não o bastante para que este trabalho fosse feito sem esmero. Veja que as peculiaridades do povo húngaro provavelmente foram o bastante para que, sendo eles considerados inéditos, fossem objeto de um trabalho minucioso de edição, com a finalidade de construir não apenas um passado, mas endossar uma fronteira política e étnica. Regino de Prüm, ao instrumentalizar suas fontes, busca garantir que sua descrição não apenas atribua um passado carregado de significados aos húngaros, mas que também concordasse com aquilo que se sabia, garantindo que valores imputados a eles fossem inteligíveis.

De certa forma, podemos contextualizar o *Chronicon* de Regino de Prüm numa cronologia da discriminação e do racismo no mundo ocidental. As ferramentas utilizadas pelo

autor visavam um tipo de representação que desumanizava todo um modo de vida, bestializando seus adeptos. Francisco Bethencourt (2013, p.21), se vale do seguinte conceito para racismo: "preconceito em relação à ascendência étnica combinado com ação discriminatória". Bethencourt (2013, p.22) também afirma que tais ações discriminatórias estão associadas a projetos políticos. Então o que seria o trabalho de Regino de Prüm em sua representação dos húngaros, senão a perpetuação de um racismo contra um tipo específico de humanidade em favor de outro?

Justino, Paulo Diácono e toda uma herança intelectual franca são utilizados como ferramentas desse processo, procurando não apenas a já citada credibilidade, mas também a compreensão de seu público. Walter Pohl (2019, p. 39) afirma que:

> "Historiadores medievais, diferente das suas contrapartes modernas, trabalhavam com as fontes a sua disposição. Ele poderiam incliná-las para que servissem suas intenções, mas raramente para estabelecer uma história completamente diferente. Identidades funcionavam de maneira similar: eles dificilmente inventavam a partir do zero. Eles tinham que se fazer plausíveis por conhecimentos mútuos de afiliação a um grupo, conformando-se com expectativas externas, e aguentando o teste do tempo."[7]

"Traduzir" os Húngaros para o público franco exigiu que Regino de Prüm recorresse a um molde. Além de "traduzir", ele interpreta suas fontes de maneira a atribuir novos valores as informações contidas nas páginas da *Epítome* e da *Historia Langobardorum.* Mesmo recorrendo a transcrição de trechos de outras obras, Regino não deixa de ser autoral em suas colocações e, em diversas passagens, dizendo mais pelas omissões do que pelas menções.

7 No original: *"Medieval historians, not unlike their modern counterparts, worked with the sources at their disposal. They might bend them to fit their intentions, but rarely set out to tell a completely different story. Identities work in a similar way: they are hardly invented from scratch. They had to be made palsible by mutual acknowledgement of affliation to a group, by conforming to outsinde expectations, and by standing the test of time"* (Pohl, 2009, p.39)

Referências

Fontes Primárias

FOULKE, W.D. (trad.). **Paul the Deacon, History of the Lombards.** Philadelphia: 1907.

BRAREN, I. (trad.) **Tratado sobre a clemência.** Petrópolis: Vozes, 2013.

MACLEAN, Simon. **History and politics in late Carolingian and Ottonian Europe: The *Chronicle* of Regino of Prüm and Adalbert of Magdeburg.** Manchester: Manchester University Press, 2009.

MARCUS JUNIANUS JUSTINUS. **Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus,** tradução: John Selby Watson. London: Henry G. Bohn, York Street, Convent Garden (1853). Disponível, em versão original e traduzida, no site: http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/index.html

PAULO DIÁCONO. **Historia Langobardorum,** ed. Georg Waitz, MGH SS rerum Langobardicarum, (Hannover 1878).

REGINO. ***Chronicle***, ed. Friedrich Kurze, *Reginonis abbatis Prumiensis Chronicon cum continuantione Treverensi* (Hanover 1890)

Bibliografia

BARTH, Fredrik. Ethnic groups and boundaries. Em: KUPER, Adam (Ed.). **Process and form in social life, Selected essays of Fredrik Barth: Volume 1**. Londres: Routledge, 1981, p. 198-227.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos: das Cruzadas ao século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BLOCH, March. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.

CURTA, Florin (ed.). **Borders, Barriers, and Ethnogenesis: Frontiers in Late Antiquity and the Middle Ages.** Turnhout: Brepols, 2005.

DIESENBERGER, M. Hair, sacrality and symbolic capital in the frankish kingdoms. Em: CORRADINI, R., DIESENBERGER, M., REIMITZ, H. (Org.). **The construction of communities in the Early Middle Ages: Texts, resources and artefacts**. Leiden: Brill, 2003, p. 173-212

ELLER, Jack David. **Cruel Creeds, Virtuous Violence: Religious Violence Across Culture and History.** New York: Prometheus, 2010.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editodra UFMG, 2014.

GEARY, Patrick J. **O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo.** São Paulo: Conrad, 2015.

GOETZ, Hans-Werner. Concepts of realm and frontiers from late antiquity to the early Middle Ages: Some preliminary remarks. Em: POHL, W., WOOD, Ian, REIMITZ, H. (Org.). **The Transformation of Frontiers: From Late Antiquity to the Carolingians.** Leiden: Brill, 2001.

MACLEAN, Simon. **History and politics in late Carolingian and Ottonian Europe: The *Chronicle* of Regino of Prüm and Adalbert of Magdeburg.** Manchester: Manchester University Press, 2009.

MCKITTERICK, R. **The Carolingians and the Written Word**. Cambrige: Cambrige University Press, 1989.

NÉMESTH, G. The Origins of the Tale of the Blood-drinking Hungarians. Em: POPA, A., RENTEA, B. **Myths, Heroes, Gender and Identities.** CLIOHWORLD, 2011, p. 47-66.

POHL, W. Conclusion. Em: POHL, W., WOOD, Ian, REIMITZ, H. (Org.). **The Transformation of Frontiers: From Late Antiquity to the Carolingians**. Leiden: Brill, 2001, p. 247-260.

_____. Frontiers and Ethnic Identities: Some Final Considerations. Em: CURTA, Florin (ed.). **Borders, Barriers, and Ethnogenesis: Frontiers in Late Antiquity and the Middle Ages**. Turnhout: Brepols, 2005, p. 255-265.

_____. Historiography and Identity: Methodological Perspectives**.** Em: POHL,W. WIESER, V. (Org.). **Historiography and Identity I: Ancient and Early Christian Narratives of Community.** Turnhout: Brepols, 2019, p. 7-50.

_____. Telling the difference: signs of ethnic identity. Em: POHL, W., REIMITZ, H. (Org.). **Strategies of Distinction: The Construction of Ethnic Communities, 300-800.** Leiden: Brill, 1998.

POWER, D., STANDEN, N. Introduction. Em: POWER, D., STANDEN, N. (Org.). **Frontiers in Question: Eurasian Bordelands, 700-1700.** New York: St Martin's Press, 1999.

SILVA, Marcelo Cândido. **"Público" "privado" nos textos jurídicos francos.** VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 26, nº 43: p.29-48, jan/jun 2010.

WICKHAM, C. **O legado de Roma: iluminando a Idade das Trevas, 400 – 1000.** Campinas: Editora Unicamp, 2019.

WOOD, Ian. Introduction: Drawing frontiers. Em: POHL, W., WOOD, Ian, REIMITZ, H. (Org.). **The Transformation of Frontiers: From Late Antiquity to the Carolingians.** Leiden: Brill, 2001.

YARDLEY, John C. **The literary background to Justin / Trogus.** The Ancient History Bulletin, 8/2 (1994), pp. 60-70

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Danilo Depireux de Abreu, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Selvagens Desconhecidos: tradução e transcrição no discurso de alteridade de Regino de Prüm” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 22 de outubro de 2021

Danilo Depireux de Abreu

Danilo Depireux de Abreu